

4.9.57
De Rubem Braga, Enviado do «Diário de Notícias», à Argentina

Frondizi Alimenta a Esperança de Ser Presidente da Argentina

★ TODOS SATISFEITOS COM O RESULTADO DO PLEITO

Acreditar no que dizem os chefes de partidos e facções depois do 28 de julho, nunca, na história do mundo, houve eleições tão felizes como estas argentinas: todos estão muito satisfeitos e acham — desde Perón a Aramburu — que o povo lhes deu uma prova de confiança e simpatia.

— Muito satisfeito!

Quem assim me responde é Arturo Frondizi, ao ouvir minha primeira e convencional pergunta sobre suas impressões do pleito. Na verdade, ele teve uma boa votação e, embora seu partido tenha vindo em terceiro lugar, será provavelmente o que disporá de maioria relativa na Convenção. Isso porque os votos em branco peronistas não elejem ninguém, e porque os radicais «del pueblo», ainda que apresentando 200 a 300 mil votos a mais que os frondizistas, farão possivelmente menos conveniêntes, por terem o grosso de seu eleitorado concentrado em certas províncias.

Fronidzi perdeu na capital, e nas grandes províncias de Buenos Aires, Santa Fé e Córdoba, onde se supõe haver um eleitorado de melhor nível político, mas venceu em 15 províncias. Sua maioria relativa na Convenção não terá, de resto, grande importância, porque os partidos que apoiam o governo têm assegurada a maioria para fazer a reforma constitucional pela qual se batem. Por outro lado, se na próxima, eleições presidenciais (23 de fevereiro) Frondizi tiver a mesma votação, e um candidato tiver a votação dos radicais do povo, ele será derrotado, quer haja eleição direta do presidente quer haja colégio eleitoral.

OS VOTOS EM BRANCO

Não, Frondizi não está satisfeito, nem tem cara disso. Mas também não está desanimado; seu ar é tenso, de um homem que está muito ocupado, empenhado em uma luta séria. Sabemos para onde ele olha: para aqueles 2 milhões e poucos de votos que nesta última eleição foram em branco. Respondendo a uma pergunta nossa diz:

— Claro, na próxima eleição a votação em branco será muito menor. Desta vez o que se discutia era a realização ou não de uma Convenção para reformar a Constituição; mas em fevereiro, quando vamos apurar quem governará efetivamente o país durante seis anos, que eleitor achará graça em votar em branco?

E respondendo a outra pergunta:

— Sim, estou certo de que um grande número dos votos que foram dados em branco desta vez sufragarão meu nome no próximo pleito.

— Não vê qualquer possibilidade de entrar em acordo com o outro ramo de radicais para o próximo pleito?..

(Conclui na 2ª página)



DIJO FRONDIZI:

Si mis conciudadanos me confirieran el inmenso honor de gobernar al país, me comprometo ante el pueblo a gobernar con cuantos coincidan con nuestro programa, sean radicales o no. Me comprometo a gobernar para todos los argentinos, amigos o adversarios. Por eso, si asumiera la presidencia de la Nación, esta vez no habrá realmente vencedores ni vencidos. Los argentinos, hermanados en nuestra misión de Patria y en nuestra fe en el destino del país, podremos trabajar juntos por la grandeza de nuestro pueblo y de nuestra Nación.

ALUCUCION PRONUNCIADA EL 20 DE JUNIO EN RADIO NACIONAL

VOTE U. C. R. Intransigente

«Desta vez não haverá realmente vencedores nem vencidos», declarou Arturo Frondizi em junho último, como se vê no clichê que reproduz um cartaz de propaganda da União Cívica Radical Intransigente.

370

Fronzizi Alimenta a Esperança de Ser...

(Conclusão da 1ª página)

— Nenhum.

Responde isso com firmeza, e fica nos fitando, como quem pede com impaciência que despejemos logo todas as nossas perguntas e calamos fora, pois ele está muito ocupado. Deve ser meio dia, ele já atendeu a algumas dezenas de pessoas e há muitas outras querendo entrar em contacto com ele pessoalmente ou pelo telefone. Não é em sua casa nem em seu escritório de advogado, nem na sede do partido que nos recebe; é no escritório de um amigo transformado em uma espécie de QG secreto de sua candidatura. Enjoados de esperar que ele marcasse uma entrevista pelos condutos normais, viemos surpreendê-lo aqui, trazidos por um amigo comum.

— Mas — insistimos — o sr. Zavala Ortiz em suas declarações à imprensa há dois dias deixou uma porta aberta a uma recomposição de todos os radicais...

— «Não, não pensamos nisso. Estamos em outra coisa...»

E percebendo que não entendíamos muito bem a expressão:

— Nossa ruptura é definitiva.

Seu gesto é nervoso, mas resolvemos por um pouco mais à prova os seus nervos:

— De qualquer modo os depu-

tados eleitos pelos radicais intransigentes terão de votar na Convenção junto com os radicais do povo, pois defendem o mesmo programa. Se o programa é o mesmo, não vemos motivo para uma ruptura definitiva.

— «Estamos completamente separados. Palavras, papéis são uma coisa, mas o comportamento real é outro».

(Não anotamos muito bem esta resposta, mas o seu sentido é de que Fronzizi não acredita que seus adversários dêem maior importância, na prática, a essa coisa de programas. Repetidas vezes os tem acusados de trabalhar para a oligarquia, contra os interesses do povo).

Durante a campanha eleitoral Fronzizi defendeu a tese de que a convocação da Convenção é ilegal, e anunciou que, tendo maioria na Convenção, fará com que esta proclame a nulidade do pleito que a formou, e se dissolva a si mesma. A hipótese não tem mais interesse, pois os partidos reformistas têm sua maioria assegurada na Convenção.

— Não tendo maioria para dissolver a Convenção seu partido se retirará dela?

A resposta é a que esperávamos: não, seus convencionais continuarão em Santa Fé, embora em tese continem a sustentar seu ponto de vista sobre o assunto.

— E os radicais intransigentes tomarão parte nas votações de plenário?

Ele responde que os órgãos do seu partido estão estudando precisamente a linha a seguir, mas essa resposta não nos satisfaz. Passamos a uma pergunta mais direta:

— Se estiver em perigo a Lei Saenz Peña, e os partidários da eleição proporcional somarem mais votos que os radicais do povo, os convencionais de seu partido votarão em branco?

— «Não. Estaremos vigilantes para defender o nosso sistema eleitoral.» (Ele evita dizer que seus convencionais votarão, mas, na prática, é isso que diz.)

O PETRÓLEO

— E se estiver ameaçado o monopólio estatal da indústria do petróleo?

— «Nosso Partido estará vigilante para defender o sistema eleitoral e também os interesses da soberania nacional».

A conversa a esta altura se detem um pouco em torno do tema de petróleo. Conhecemos bem as idéias de Fronzizi a este respeito, pois lemos seu livro "Petróleo e Política". De qualquer modo perguntamos:

— O senhor é contrário a novas concessões a empresas petrolíferas particulares?

— «Acho que não precisamos delas. Já sabemos que temos petróleo suficiente e também, precisamente, onde ele está. Agora se trata apenas de obter recursos financeiros e técnicos para explorar e industrializar o que já está descoberto. Não necessitamos dar concessões, mas apenas contratar serviços».

Os jornais da manhã noticiam o que o governo resolveu sobre a construção de importantes oleodutos: anulou a concorrência, mas entrou em acordo com algumas firmas concorrentes. Pedimos a impressão de Fronzizi sobre essa solução, mas ele responde que seu Partido ainda não teve tempo de estudar meticolosamente o assunto, o que é bastante crível.

— «Há muito estamos reclamando a imediata construção desses oleodutos».

Falamos sobre o decreto que declarou caducas as concessões de duas grandes empresas elétricas estrangeiras. Fronzizi diz que ainda não terminou seus estudos a respeito (o que também é muito crível) mas adianta que entre os homens de seu partido que estão estudando o decreto surgem dúvidas sobre se seus fundamentos jurídicos estão bem feitos; talvez eles deixem margem a golpes felizes dos advogados das empresas...

Nem por um instante ele diz uma palavra sequer que implique na mais leve aprovação a qualquer ato do governo, mesmo que aparentemente esse ato coincida com suas reivindicações. Falando do governo e dos radicais do povo ele é áspero, desconfiado, agressivo, e temos a impressão de que seus adversários fizessem chover caramelos sobre a Argentina, sua primeira atitude seria mandar examinar esses caramelos pelo Instituto Bromatológico.

FRONZIZI E PERON

Esse Fronzizi que vemos — quase dizíamos *enfrentamos* — hoje é bem diferente do que conhecemos em julho do ano passado. O intelectual, o homem de idéias sumiu atrás do político em plena tensão de luta; o resultado do pleito visivelmente exacerbou seu instinto de luta.

Na véspera Fronzizi desmentira uma entrevista dada a um jornalista americano, em que lhe era atribuída uma declaração em que admitia a volta de Peron à Argentina. Na verdade ele dera apenas uma resposta indireta a uma pergunta, e conosco volta a falar da necessidade de anistia, sem maiores especificações. E' evidente que não só admite como deseja veementemente os votos peronistas para as próximas eleições, mas quando perguntamos se estava disposto a entrar em acordo diretamente com Peron ou com chefes peronistas, e negociar com eles um apoio à sua candidatura em fevereiro, responde com uma decisão que afinal de contas é puramente formal:

— Não negociamos nossa candidatura com ninguém. Não fazemos negócios; temos nossa política e a levaremos adiante; e aceitaremos o apoio de todos que quiserem realmente lutar pelas idéias que expomos. Nossas idéias e nossa linha política são conhecidas e claras; por isso não precisamos fazer nenhum acordo.

Antes de sair pedimos sua impressão sobre a atitude de Peron no próximo pleito: votação em branco, apoio a um candidato radical contra outro, candidato próprio?

Responde que não faz idéia da atitude que Peron assumirá.

A última hora, ele já impaciente; fizemos mais duas perguntas:

— Acha possível que o atual governo conceda a anistia antes das eleições de fevereiro?

— «E' possível».

— Caso sua candidatura tenha o apoio ostensivo dos peronistas não acredita que isso possa causar uma comoção militar?

— «Não, não acredito».

E' com esta nos fomos.

4.8.57

371